

COLUNA FALA Por César Gomes

POLÍCIA PARA ORDEM OU AÇOITE?

Desestruturar o racismo estruturando todas as formas de resistência à violência policial e o papel das instituições no combate dessa violência, é um chamamento para efetivas ações antirracistas.

Pós-período escravagista a ideia da democracia racial, do povo cordial e paraíso mestiço só trouxe aborrecimentos e negação/violação dos direitos da população negra no Brasil.

Nessa ótica é que Cecília Oliveira, diz: “O *apartheid* à brasileira é assim: no discurso, democracia racial; na prática, açoite disfarçado de lei e ordem”.

O aparato policial ou da guarda municipal é mantida com nosso dinheiro através dos impostos recolhidos, porém, tem o respaldo governamental para nos violar e até matar por sermos negros, periféricos LGBT.

A Constituição de 1988, assegura a Segurança Pública como um direito social, todavia, o Estado ficou militarizado e, vemos potencializado as ações de violações, truculências e extermínio da população; sobretudo da população 3 P (periférica, pobre e preta).

É no intuito de apontar caminhos para essa responsabilização e porque também não dizer reparação é que precisamos entender que o policial ou guarda municipal que estão agindo nas ruas estão a comando de uma corporação; esta corporação tem nome, sobrenome, CPF e patente, logo, também as patentes que alimentam este sistema precisam ser responsabilizadas diretamente pelos atos de seus subordinados.

Tirar o comandado das ruas para pôr no trabalho administrativo é “prêmio” e não punição.

Este comandado agiu sob a ordem de algum superior, quando este também for punido, então, é possível que as tratativas nas ruas comecem a ter outros desfechos com menos violações.

É preciso equipar a lei civil onde quem mandou ou pagou para executar a ação criminosa também fica passível de punição.

Recentemente fui surpreendido com alguns LGBT tecendo elogios ao atual governador por sinalizar que irá transformar o Casarão da Avenida Paulista em Centro de Referência LGBT / Museu LGBT, todavia, nas ruas, vai tirar as câmeras das fardas militares.

Ou seja, dá nos um beijinho no rosto, mas, com a mão um tiro nas costas, adoça a nossa boca e venda nossos olhos para algo terrível.

Quem mais violenta e mata LGBT e população negra é justamente militares sem o uso das câmeras, fica aí para pensar que este Museu LGBT é um Cavalo de Tróia.

César Gomes.



Revista África e Africanidades - Ano XVI – nº 49 | jul. 2024 | ISSN 1983-2354.
www.africaeaficanidades.com.br

Beijos Afrogay!